

Decolonizando a periferia: vivências e práticas do Coletivo Perifala (Teresina-PI)

Kary Emanuelle Reis Coimbra¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a prática social do Coletivo Perifala, grupo de jovens estudantes de filosofia social atuante nas periferias da cidade de Teresina-Piauí, à luz da teoria decolonial, evidenciando, assim, como suas ações rompem com o padrão hegemônico de poder/saber/ser imposto pela estrutura colonial-moderna. Em termos metodológicos, foi realizada a análise do discurso crítica da prática social do Perifala a partir das narrativas de uma integrante e de postagens do coletivo em suas redes sociais. Entre os resultados, destaco o Perifala como um agente de questionamento e transformação das estruturas sociais hegemônicas, sobretudo a partir da descentralização do saber acadêmico, ao colocar a periferia urbana como centro das discussões e da ação social dos sujeitos. Nesse sentido, agem diretamente no enfrentamento da colonialidade do saber, do poder e do ser.

Palavras-chave: coletivismo juvenil; decolonialidade; ações na periferia.

Decolonizing the periphery: experiences and practices of Coletivo Perifala (Teresina-PI)

ABSTRACT

In this work, I present the social action of Perifala Collective, a group of young students of social philosophy who acts in Teresina-Piauí

¹ Doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí – Linha de Pesquisa Cultura, Identidade e Processos Sociais. Docente no Curso de Administração da Universidade Federal do Piauí (UFPI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5716-7712>. E-mail: karycoimbra@ufpi.edu.br.

periphery. The objective is to analysis Perifala's social practice in the light of decolonial theory, thus showing how its actions break with the pattern of power, knowledge and being imposed by the colonial-modern structure. Methodologically, a critical discourse analysis (FAIRCLOUGH, 2016) of Perifala's social practice was carried out by analysing the narratives of an interviewed collective member, as well as the collective posts on Facebook and Instagram. Among the results, I highlight Perifala as an agent of questioning and transformation of hegemonic social structures, especially acting to an academic knowledge decentralization, by placing the urban periphery at the core of discussions and the subjects' social action. Therefore, they act directly in confronting the coloniality of knowledge, power and being.

Keywords: youth collectivism; decoloniality; actions on urban periphery.

Descolonizando la periferia: experiencias y prácticas del Colectivo Perifala (Teresina-PI)

RESUMEN

En este trabajo presento la acción social del Colectivo Perifala, un grupo de jóvenes estudiantes de filosofía social que trabajan en las periferias de la ciudad de Teresina-Piauí, con el objetivo de analizar su práctica social a la luz de la teoría decolonial, evidenciando así como sus acciones rompen con el patrón hegemónico de poder, conocimiento y ser impuesto por la estructura colonial-moderna. En términos metodológicos, se realizó un análisis crítico del discurso (FAIRCLOUGH, 2016) de la práctica social de Perifala, utilizando como corpus de análisis las narrativas de una integrante obtenidas a través de una entrevista, así como las publicaciones del colectivo en sus redes sociales, Facebook e Instagram. Entre los resultados, destaco a Perifala como un agente de cuestionamiento y transformación de las estructuras sociales hegemónicas, especialmente a través de la descentralización del conocimiento académico, al poner a la periferia urbana en el centro de las

discusiones y de la acción social de los sujetos. En este sentido, actúan directamente en el enfrentamiento a la colonialidad del conocimiento, del poder y del ser.

Palabras clave: coletivismo juvenil; decolonialidad; acciones en la periferia.

INTRODUÇÃO

A ação de agrupamentos intitulados coletivos/coletivas/coletivos constitui objeto de investigação em diferentes campos do conhecimento na área das Ciências Humanas e Ciências Sociais, sobretudo Artes, Arquitetura e Urbanismo, História, Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Para Perez e Silva Filho (2017, p. 257), esses grupos representam “novas formas de mobilização na sociedade civil”, o que levanta questionamentos sobre as motivações para suas criações, a natureza de suas ações, o contexto social, político e cultural de seus/suas integrantes, entre outras questões. Na cidade de Teresina, capital do Piauí, a expansão do coletivismo juvenil constitui um fenômeno marcante entre os anos 2010 e 2020, com recrudescimento apenas diante da eclosão da pandemia de covid-19. As ações desses agrupamentos chamam atenção pela diversidade de pautas, cujas frentes de atuação são explicitamente marcadas pela defesa de direitos de grupos socialmente minoritários (COIMBRA; MORAIS, 2020).

Neste trabalho, apresento uma análise da prática social do Coletivo Perifala² à luz da teoria decolonial, evidenciando, assim, como suas ações rompem com o padrão hegemônico de poder, saber e ser imposto pela estrutura colonial-moderna. Mais que uma opção epistêmica ou ontológica, o paradigma da decolonialidade surge de “uma necessidade ética e política para as ciências sociais latino-americanas” (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007, p. 21) no processo de transformação, em curso na América Latina, chamado de *mirada* ou *giro decolonial* (MIGNOLO, 1998). Por meio do método

² O Perifala foi um dos sete coletivos e coletivas atuantes na cidade de Teresina estudados em pesquisa de doutorado da autora. Cf.: COIMBRA, 2022.

de análise do discurso crítica, na perspectiva dialético-relacional (FAIRCLOUGH, 2016), o corpus da análise foi composto de postagens do coletivo em suas páginas no Facebook³ e no Instagram;⁴ e de narrativas com uma integrante, obtidas em entrevista.

Considero oportuno enfatizar o protagonismo e a centralidade das narrativas de sujeitos e sujeitas como coconstrutores do processo de pesquisa e da produção de conhecimento que ocorre na relação entre “sujeito participante da pesquisa e sujeito pesquisador” (ARAÚJO; OLIVEIRA; ROSSATO, 2017, p. 2, grifos no original). Nesse sentido, na seção a seguir, apresento a literalidade das narrativas de Rebeca Passos: integrante do Perifala, mulher preta cis-heterossexual, moradora de um bairro periférico da cidade oriundo de ocupação urbana. Hoje professora e historiadora, com 24 anos, à época da pesquisa (dezembro de 2020) cursava a graduação em História na Universidade Federal do Piauí, em meio às incertezas que o cenário pandêmico prenunciava.

Tomando as palavras de Grosfoguel e Onesko (2021, p. 9), reitero que a academia não pode nem deve “produzir pensamento decolonial sem pensar junto aos/e com os movimentos sociais, do contrário, nos transformamos em antropólogos e deixamos de fazer decolonialidade”. Portanto, não pretendo aqui *tomar* meramente a fala de Rebeca para análise; não *falo por* ela, mas *construo com* ela!

A CENTRALIDADE DA PERIFERIA: INSURGÊNCIA E PRODUÇÃO DE SABERES

A filosofia do Coletivo Perifala

O Coletivo Perifala surgiu em 2018, idealizado pelo filósofo e professor Francisco Antônio da Silva Filho, ou Chico, como é conhecido entre os demais integrantes do grupo. A proposta do coletivo, ativo até a atualidade, consiste em promover a

³ <https://www.facebook.com/perifala>

⁴ <https://www.instagram.com/perifala/>

descentralização do saber acadêmico a partir da ocupação de uma praça pública na periferia de Teresina e sua transformação em espaço de discussão de temáticas sociais, políticas e culturais sob o prisma da filosofia:

O Perifala surgiu da ideia do Chico. O Chico é um dos representantes do Perifala, é professor de filosofia, já está formado. Eu gosto muito quando ele tá explicando como surgiu essa ideia de criar porque é muito... assim, é muito profundo porque o Chico passou, né, na **universidade**, e ele disse “bom, agora eu vou pra universidade, **vai ter gente como eu lá**”. E aí **o Chico é preto, é pobre e mora na periferia, como a maioria dos que compõem o Perifala**, né. E aí ele disse que quando chegou na universidade ele percebeu que não, que **não tinha tantas pessoas iguais a ele lá**. E aí ele teve essa **vontade**, né, **de que mais pessoas pudessem conhecer o que ele aprendia na universidade**, daí ele teve a ideia de criar esse **grupo de estudos em filosofia social** (Rebeca – Integrante do Perifala, grifo nosso).

Rebeca narra a vivência de Chico no ambiente universitário, explicitando a frustração do jovem ao deparar-se com a escassa presença de pessoas de perfil social e racial semelhante ao seu (*o Chico é preto, é pobre e mora na periferia; vai ter gente como eu lá; não tinha tantas pessoas iguais a ele lá*). Essa percepção gerou nele a *vontade de que mais pessoas pudessem conhecer o que ele aprendia na universidade*, pessoas essas que vivem uma realidade semelhante à sua. Nesse contexto, Chico formou um *grupo de estudos em filosofia social* com outros/as estudantes universitários, também pessoas pretas, pobres e moradoras de bairros periféricos, *como a maioria dos que compõem o Perifala*, nome que deram ao grupo.

Para o filósofo Enrique Dussel (1997), o colonialismo produziu a estrutura centro-periferia mundial: um violento processo histórico de aculturação foi iniciado quando o *centro*, representado pela Europa imperial, projetou seus processos culturais às colônias, criando uma elite cultural ilustrada que reproduziria os valores da cultura do centro como únicos, negando, assim, a cultura de um

Outro. Para Dussel, o momento histórico em que a Europa se deparou com o *Outro*, no século XV, produziu não o *descobrimento* da América Latina, mas seu *en-cobrimento*. Isso significa que “esse Outro não foi ‘descoberto’ como Outro, mas foi ‘en-coberto’ como ‘o si-mesmo’ que a Europa já era desde sempre” (DUSSEL, 1993, p. 8, grifos no original). O *Outro* não existe *per se*, mas torna-se a partir de um processo de negação (KILOMBA, 2019).

Foi no encontro com o *Outro* africano e latino-americano, portanto, que a alteridade passou a ser colonizada, subalternizada e violentada de modo sistêmico, dando origem à modernidade como conceito. A modernidade enquanto uma narrativa civilizatória necessitou da colonialidade, isto é, da exploração, repressão, desumanização e controle da população (MIGNOLO, 2010b). A colonialidade do ser reflete a ideia de que certos povos não fazem parte da história, que não são seres e, desse modo,

[...] enterrados sob a história europeia da descoberta, estão as histórias, as experiências e os relatos conceituais silenciados daqueles que estavam fora da categoria de seres humanos, de atores históricos e entes racionais (MIGNOLO, 2007, p. 30, tradução livre).

A propósito dessa conjuntura, a intelectual indiana Gayatri Chakravorty Spivak lançou uma importante contribuição sobre o compulsório silenciamento de sujeitos definidos historicamente como subalternos, ao levantar o icônico questionamento, que também intitula uma de suas obras: *pode o/a subalterno/a falar?*⁵ (SPIVAK, 2010).

E aí ele convidou algumas pessoas pra debater algum texto e aí, bem no início também fui convidada por um dos integrantes, e aí a gente começou a se reunir, a **debater os textos da**

⁵ Tensiono com Kilomba (2019) a utilização do masculino genérico “o subalterno” na tradução para o português da obra *Can the subaltern speak?*, principalmente sendo a autora uma intelectual mulher e crítica de gênero. A partir disso, introduzo a flexão de gênero feminino ao citar a obra de Spivak, sobretudo diante da dimensão política da linguagem.

universidade, mas **trazendo pra realidade periférica e falando isso de uma forma mais didática possível** pra que as outras **pessoas da comunidade** pudessem compreender o que a gente tava falando. E aí a gente começou a se reunir e as pessoas começaram a ver que a gente tava ali, ocupando aquele local na **Praça do Esplanada**, todo **domingo**, se reunindo, debatendo. E a gente foi convidado pra fazer algumas atividades em escolas. E aí o nome do Perifala surgiu numa discussão de WhatsApp quando a gente tava discutindo qual nome que a gente ia colocar no grupo... e aí: **PERI, porque é de periferia, e FALA, porque a periferia fala, né?** É o que a gente faz no Perifala, a gente... zona **extremo sul da cidade**, a maioria do grupo é do extremo sul, né, Vila Irmã Dulce, Palitolândia... eu sou do extremo norte, [do bairro] Santa Maria [da Codipi], então são duas realidades periféricas e a gente queria mostrar isso, que **na periferia tem conhecimento e a gente sabe a nossa realidade e sabe criticar a nossa realidade**, né, sabe como que as coisas funcionam (Rebeca – Integrante do Perifala, grifo nosso).

O nome do coletivo Perifala, formado pela abreviatura da palavra “periferia” somada à palavra “fala”, traduz a contestação dessa ordem social colonial-moderna, enunciando explicitamente que *a periferia fala*. A figura de linguagem que personifica a periferia como sujeito que fala também elucida o implícito pressuposto de que se a periferia fala, a periferia existe, reafirmando a (re)existência de sujeitos subalternizados. Em “*a periferia fala*” e em “*o Chico é preto, é pobre e mora na periferia*”, há um interdiscurso que relaciona e hierarquiza o silenciamento da voz de pessoas da periferia diante da voz dominante, sonorizada por pessoas que reproduzem a ordem do discurso (FOUCAULT, 1996), isto é, pessoas brancas, com poder econômico e que vivem nos centros da cidade.

Assim como Lefebvre (2008), reitero a compreensão de *centro* para além de sua dimensão geográfica, destacando, sobretudo, sua dimensão social e política, relacionada ao poder hegemônico de determinadas regiões sobre as demais, o que

implica afirmar que a centralidade produz hierarquias e, conseqüentemente, desigualdades. Nesse sentido, centralidade e marginalidade são categorias interrelacionadas na medida em que a atribuição da marginalidade só ocorre a partir do estabelecimento de uma centralidade. Esse aspecto de distribuição de classes por espaços na urbe é abordado por Ana Fani Carlos, ao citar o processo de produção do espaço urbano como a justaposição de hierarquias sociais e espaciais, o que leva à caracterização da segregação socioespacial enquanto “o negativo da cidade”. A segregação representa, assim, “o outro” da centralização, ou seja, “ao longo do processo histórico, a segregação vai assumindo a forma da diferenciação das classes sociais pelo acesso diferenciado de cada um à cidade” (CARLOS, 2020, p. 413).

Ao enunciar “*na periferia tem conhecimento e a gente sabe a nossa realidade e sabe criticar a nossa realidade*”, Rebeca posiciona o coletivo como sabedor e consciente do processo de segregação socioespacial que produz e marginaliza a periferia, e a partir dessa consciência torna-se também um agente social para a mudança. Esse posicionamento reverbera na inclusão de outros/as atores/atrizes nas discussões do coletivo, como *peças da comunidade* e estudantes de *escolas*. A postura representa o caráter de democratização do conhecimento acadêmico frente à imposição colonial-moderna do saber (“*debater os textos da universidade, mas trazendo pra realidade periférica e falando isso de uma forma mais didática possível*”).

Para Boaventura de Sousa Santos (2007), o pensamento moderno ocidental é marcado por linhas cartográficas abissais que separaram os espaços colonizadores e coloniais, impossibilitando, assim, sua copresença. O colonialismo representou o ponto zero na divisão do que se denominou como “velho” e “novo” mundo, cujas concepções sobre o conhecimento foram definidas. A socióloga Raewyn Connel reforça essa ideia, ao apontar a existência de uma assimetria na geopolítica do conhecimento científico moderno (natural ou social), em que os espaços europeu e anglo-americano são constituídos como centro ou metrópole imperial/Norte global e os demais espaços representam a periferia/o Sul global. A partir dessa divisão, a produção de conhecimento é dominada pelo

“centro”, sendo esse o lugar onde se constroem as teorias, enquanto “o mundo colonizado e a periferia global pós-colonial têm sido a zona na qual se coletam os dados em grande escala, e, posteriormente, aplica-se o conhecimento organizado” (CONNEL, 2012, p. 10).

Nas perspectivas pós/de-coloniais enfatiza-se que, diante do monopólio da ciência colonial-moderna, conhecimentos e modos de viver situados “do outro lado da linha”, como os conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas, para além do universo do verdadeiro e do falso, têm sua relevância invalidada, senão anulada (SANTOS, 2007, p. 72). Desse modo, a crítica à epistemologia marcada pela colonialidade defende que o Sul global representa lócus de riqueza epistêmica, política, social e cultural, ainda que subaproveitadas/ignoradas. São espaços de produção de diferenças em conhecimento, experiências, inovação político-social e diversidade cultural (SANTOS; MENDES, 2018). Perante esse cenário, surge a necessidade de reflexão e reconhecimento sobre a ecologia dos saberes em direção à construção de um “pensamento pós-abissal” (SANTOS, 2007), rompendo com a lógica que separa, hierarquiza e hegemoniza saberes.

É a partir de uma *desobediência epistêmica*, como proposto por Walter Mignolo (2010a), que podemos trilhar os caminhos da superação do domínio eurocêntrico, por meio de uma reestruturação, decolonização ou pós-ocidentalização da hegemonia do saber científico moderno, considerando, assim, conhecimentos e saberes outros. Essa mudança passa, inclusive, pela própria descentralização do saber acadêmico, circunscrito aos muros das universidades.

O logotipo do coletivo Perifala (Figura 1) apresenta elementos que denotam essa desobediência epistêmica, ao reafirmarem a periferia como um lócus de enunciação, inclusive a partir de uma prática discursiva que evidencia uma linguagem institucionalmente marginalizada, como a pixação. O logotipo é composto da expressão “grupo de estudos” em letras maiúsculas, evidenciando a natureza educativa do coletivo, e pelo desenho de um megafone, instrumento que amplia o som da voz. Esta voz é representada pelo nome Perifala, escrito em letras maiúsculas e em

grafia que remete à pixação, expressão político-artística subversiva (daí o x no lugar do *ch*) e eminentemente periférica. Como ato político, o pixo “é a voz aos invisíveis da cidade, aqueles que são excluídos pelas estratégias de controle social e gentrificação, todos que foram apagados do cartão postal” (CUNHA, 2019, p. 121).

Figura 1 – Logotipo do Coletivo Perifala



Fonte: NOVO PERFIL, 2019.

Se o grafite brasileiro, em especial o paulistano, surgiu sob influência do grafite nova-iorquino, nos Estados Unidos, os pontos que o diferenciaram são a técnica, as temáticas abordadas e a criação de uma tipografia autêntica conhecida como pixação (MONASTERIOS, 2011). A representação do pixo – expressão tratada, na ordem do discurso, como crime ambiental⁶ – faz alusão à própria criminalização de pessoas pretas, pobres e periféricas no Brasil, que, em um nível mais denso, tem relação direta com o processo de genocídio negro brasileiro (NASCIMENTO, 2016).

⁶ A criminalização do ato de interferências visuais no espaço urbano já está presente no Código Penal brasileiro desde 1890, mas é somente pela Lei nº 9.605, de 1998, que dispõe sobre crimes ambientais, que a pichação (com *ch*) foi incluída (LARRUSCAHIM; SCHWEIZER, 2014).

Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020) não surpreendem ao apresentar homens jovens negros como as principais vítimas de violência letal no país, em 2019, visto que se trata de uma *estatística* recorrente. Segundo o *Atlas da Violência 2020*, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo FBSP, baseado em dados de atestados de óbito sistematizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), em 2018, 75,7% das vítimas de homicídios eram pessoas negras.

A gente mora, assim, eu, como pessoa que mora na periferia, né. Além de todas as dificuldades que a gente tem, ainda tem o **estigma de quem mora na periferia**, de “ah, não, cê mora na Santa Maria, você é **mala**? Você conhece quantos traficantes de lá?”, tipo essas coisas que a gente fica assim “sim, mas a Santa Maria não é isso aí não que vocês pensam”. Então acho que além dessa dificuldade toda que a gente tem pra ter acesso à cidade ainda tem o estigma, né, de **lugar perigoso**, o estigma de “não, quem mora nesse lugar **é mala, é envolvido com drogas**”. E ainda tem a **repressão policial** que vem em cima da gente, entendeu? Aqui na **Santa Maria**, eu sou bem do início mesmo da **ocupação**, eu moro aqui há 22 anos, no mesmo local. Presenciei, sei a história do meu bairro, sei como que as coisas aqui foram desenvolvidas, então aqui tem, tipo, você sai na rua e aí eu vejo um carro da polícia, que eu fico com medo, né, porque a **minha irmã**, por exemplo, ela já **tomou baculejo voltando da igreja**. Então eu acho que além de todos esses percalços que a gente vive na cidade de Teresina, quem mora em Periferia ainda tem todo esse estigma e a repressão policial. **Os meninos do Perifala**, por exemplo, têm **várias experiências** e situações em relação a esse ponto de repressão da polícia (Rebeca – Integrante do Perifala, grifo nosso).

Rebeca narra vivências que ela e seus familiares ou colegas já enfrentaram por serem pessoas negras moradoras de bairros

periféricos de Teresina. De modo implícito, Rebeca evidencia o teor racista nas práticas de estigmatização (*lugar perigoso; é mala, é envolvido com drogas*) e ação repressiva policial. A estigmatização também é visualizada na descrição das ações policiais, visto que, ainda que aconteça com mulheres (*minha irmã tomou baculejo voltando da igreja*), Rebeca enfatiza a frequência com que seus colegas homens do coletivo Perifala foram abordados (*os meninos do Perifala têm várias experiências*), o que representa a concretude de um maior número de abordagens contra homens negros moradores de bairros periféricos.

Rebeca menciona, ainda, acerca da temática das ocupações urbanas para moradia, citando o exemplo de seu bairro, Santa Maria da Codipi. O processo de urbanização brasileiro, intensificado a partir da década de 1950, ocasionou impactos no âmbito da moradia/habitação, visto que às populações de menor renda restou a ocupação de áreas cada vez mais distantes dos centros das cidades. Junto a isso, tornou-se comum a prática de ocupações irregulares, que é

[...] uma das consequências da inexistência e/ou ineficiência, de políticas públicas voltadas para a promoção da habitação popular, principalmente, aos grupos socialmente excluídos pela lógica do sistema capitalista e político vigente no Brasil (VIEIRA; FAÇANHA, 2017, p. 23).

Aníbal Quijano cunhou o termo *colonialidade do poder* para referir-se ao padrão mundial de poder colonial/moderno, capitalista e eurocentrado que, entre seus eixos centrais, estabeleceu a *ideia de raça* como um modo de impor legitimidade às relações de dominação, desde a invasão do continente denominado americano. Os colonizadores (homens) criaram uma codificação por cor a partir de traços fenotípicos, assumindo-a como categoria racial. Chamaram a si mesmos de *brancos*. Desse período até os dias de hoje, povos não brancos, assim como seus sistemas culturais, passaram à condição de inferioridade na hierarquia sociocultural. A ideia de raça organizou papéis e lugares sociais, tornando-se o primeiro sistema de classificação social do mundo (QUIJANO, 2005).

O intelectual martinicano Frantz Fanon ressaltou o mundo colonial como um mundo dividido em dois e, portanto, “habitado por espécies diferentes” (FANON, 1968, p. 29). Junto com a *invenção do outro*, distinto e inferiorizado ao ser europeu, justificava-se uma lógica binária que negava o reconhecimento das diferenças e, conseqüentemente, a multiplicidade e o hibridismo das formas e expressões de vida. Nessa direção, a colonização estruturou e socializou o *racismo*, de modo que a população não-branca foi marginalizada segundo traços fenotípicos, ocasionando desigualdades e preconceitos, a partir do pensamento etnocêntrico europeu (PASTI; OLIVEIRA JR., 2019, grifos meus). Desse modo, “o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a ‘superioridade’ branca ocidental à ‘inferioridade’ negro-africana” e indígena (GONZALEZ, 2020, p. 135, grifos no original).

Segundo Silvio Almeida, o racismo, enquanto processo histórico e político, produz condições sociais para que grupos racialmente identificados sejam discriminados sistematicamente. Em sua concepção estrutural, o racismo representa um elemento integrante da estrutura social, cuja materialização ocorre por meio de mecanismos institucionais – criação e imposição de regras e padrões que favoreçam grupos raciais hegemônicos. Desse modo, não apenas indivíduos, mas também instituições, reproduzem o racismo, de modo a mantê-lo como parte da ordem social. Raça é um conceito relacional e, como tal, manifesta-se “em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos” (ALMEIDA, 2020, p. 52).

Assim como governos, empresas e escolas, a polícia encontra-se no rol das instituições que reproduzem o racismo. Infelizmente, abordagens policiais em favelas são uma realidade no Brasil que, não raro, culminam em trágicos desfechos. De acordo com o *Anuário de Segurança Pública* (FBSP, 2020, p. 87), no ano de 2019 “o país atingiu o maior número de mortes em decorrência de intervenções policiais desde que o indicador passou a ser monitorado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2013”, com um total de 6.375 mortes por intervenções policiais, civis ou militares. As cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo apresentam o maior quantitativo de casos, representando 42% de toda a

letalidade policial do país, e o perfil das mortes envolve uma maioria de pessoas jovens (74,3%), negras (79,1%), do sexo masculino (99,2%).

Perifala em ação: ocupação, diálogo e conscientização

No Brasil, vários são os coletivos que representam a “participação da sociedade civil no processo de mudança dos usos dos espaços públicos através do fortalecimento dos valores civis e do empoderamento da comunidade” (HORI, 2017, p. 5). Como vimos nas falas de Rebeca, o Perifala iniciou suas ações a partir da ocupação de uma praça pública de um bairro periférico de Teresina:

[...] o Perifala, as nossas reuniões, é **ocupando** um espaço da cidade, a **Praça do Esplanada**, então a gente tem relação [com a cidade de Teresina] aí desde isso, dessa ocupação desse lugar, um **local público**. A gente diz que é a nossa ágora [rindo]. Então a gente pega esse local, que é um **local de diversão**, mas **transforma** ele como um **local político**, a partir do momento que a gente ocupa ele pra discutir a nossa realidade [...] em relação às **nossas reuniões, elas são abertas**, falando **pré pandemia**. Sempre acontecia na **Praça do Esplanada** e é aberto. Nas nossas reuniões já foram os **secundaristas**, já foram **pessoas da terceira idade**, sabe, **jovens...** a gente também sempre tenta ter **uma comunicação com o pessoal que é da Associação do Bairro**, os presidentes, pra ter essa comunicação e juntar, unir forças, né (Rebeca – Integrante do Perifala, grifo nosso).

Figura 2 – Integrantes do Coletivo Perifala reunidos na Praça do Esplanada



Fonte: Arquivo do grupo Perifala.

Em sua narrativa, Rebeca explicita a transformação de *um local de diversão* em um *local político*, evidenciando a problematização sobre espaços públicos, lazer e direito à cidade. A dialogicidade também está presente no fato de as reuniões do coletivo serem abertas à presença de diversos públicos. Na Figura 2 vemos os integrantes do Perifala. Rebeca é a segunda pessoa sentada, da esquerda para a direita.

A propósito dessa ocupação/intervenção em espaços públicos, além da interlocução com moradores da Praça do Esplanada, o Perifala também estabelece diálogos tanto com alunos e alunas de escolas públicas do ensino básico de Teresina quanto com estudantes/professores de espaços acadêmicos. A Figura 3 ilustra momento de palestra do coletivo durante a execução do Projeto Perifala nas Escolas.

A gente procura **chegar nas pessoas da periferia**. Então como que a gente faz isso? Algumas atividades do Perifala, nós temos o **Projeto Perifala nas Escolas**, que a gente vai, em determinado dia da semana, nas escolas do... por

exemplo, a gente já foi em escolas lá da Zona Sul, né, da Vila Irmã Dulce, faz esse debate com os alunos, procura **falar sobre a realidade periférica**, sobre a questão de **gênero, raça e classe**, olhando pra periferia, **sempre fazendo essa ligação em como que isso acontece na periferia**. E a gente também tem algumas atividades em que a gente é **convidado**, né. A gente já deu... falamos na **UESPI** [Universidade Estadual do Piauí], **UFPI** [Universidade Federal do Piauí], em **palestras** que fomos convidados, entrevistas também pra algumas revistas, Revista Piauí, Revista Revestrés. Também fomos convidados prum evento, o Festival Junta, que é evento internacional de dança, e aí eu e o Chico, a gente participou de uma roda de conversa lá. Então todo espaço que é aberto pra gente a gente sempre tenta ir, né, pra, além de divulgar o Perifala, a gente falar, né, da realidade do tema que a gente mais aborda, que é a periferia. Mas a gente também tenta levar esses projetos pra comunidade, nosso foco principal é sempre a comunidade [...] (Rebeca – Integrante do Perifala, grifo nosso).

Rebeca menciona que uma das principais ações do Perifala é o Projeto Perifala nas Escolas, cujo propósito é chegar nas pessoas da periferia, falar sobre a realidade periférica, abordando temáticas como gênero, raça e classe, sempre fazendo essa ligação em como isso acontece na periferia. Ao estabelecer a relação entre educação e vivências culturais, o Coletivo evidencia a dimensão cultural no âmbito da educação popular, "destinada a recriar com/através/para o povo, a sua própria cultura, para conscientizá-lo através dela [...] isso quer dizer que há um espaço concreto de ação política que se realiza na dimensão da cultura" (BRANDÃO; ASSUMPÇÃO, 2009, p. 68, grifos no original). Na Figura 3, a intervenção ocorreu em uma escola municipal na região da Vila Irmã Dulce, situada no extremo sul de Teresina.

Figura 3 – Projeto Perifala nas Escolas (2019)



Fonte: Arquivo do grupo Perifala.

Entre outras interlocuções do Coletivo, Rebeca menciona a participação do Perifala em roda de conversa no Festival Internacional de Dança JUNTA;⁷ a concessão de entrevistas para veículos jornalísticos, como as revistas *Revestrés*,⁸ de Teresina, e *Piauí*,⁹ de São Paulo; e a participação em eventos em espaços acadêmicos, em diálogo com a Universidade Estadual do Piauí e a Universidade Federal do Piauí:

[...] eu acho que só pelo fato de existir um coletivo **já é uma contribuição, já é um impacto na sociedade**. E falando sobre o Perifala, eu me coloco – **eu, Rebeca, mulher negra** e tal – eu penso assim: **se** na minha **adolescência** tivesse

⁷ O Junta – Festival Internacional de Dança possui direção e curadoria de artistas teresinenses. Para mais informações, acessar: <http://juntafestival.com.br/>.

⁸ LUIZE, Ohana. Ciências Humanas e Sociais na praça. *Revestrés*, Teresina, 26 jun. 2016. Disponível em: <https://revistarevestres.com.br/reves/cultura/ciencias-humanas-e-sociais-na-praca/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

⁹ ANDRADE, Samária. Na praça, com Marx: filosofia política na Vila Palitolândia. *Piauí*, São Paulo, ed. 156, set. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-praca-com-marx/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

tido um coletivo como o Perifala pra ir na escola e **me falar de Ângela Davis**, pra ir na escola e me falar de **Racionais, eu, com certeza, seria uma potência muito mais rápido**, né? Então eu imagino assim, se na minha adolescência [...] eu falo na minha adolescência porque eu acho o projeto do **Perifala nas Escolas** um dos que eu mais gosto, né, e eu acho que **tem um peso gigante, uma contribuição social enorme** – e aí eu falo, se tivesse tido isso quando eu era adolescente, né, pautando sobre esse projeto, eu, com certeza, teria ganhado conhecimento bem mais antes, se eu tivesse conhecido Ângela Davis lá na minha adolescência. Eu **só** fui conhecer, saber quem era Ângela Davis, na **universidade**, então esse é o impacto, né. Eu acho que assim, a gente **poder levar esse conhecimento, poder conscientizar, poder despertar o senso crítico na pessoa, isso é a contribuição de todo o coletivo [...]**. Se você **conseguir atingir uma pessoa e fazer com que aquela pessoa pense sobre o propósito do coletivo, pra mim ali já contribuiu** (Rebeca – Integrante do Perifala, grifo nosso).

Rebeca reforça que a própria existência dos coletivos *já é uma contribuição, já é um impacto na sociedade*. Essa importância é avaliada desde seu reconhecimento como pertencente a um grupo social dominado/oprimido pela lógica colonial-moderna (*eu, Rebeca, mulher negra*), o que revela como esses agrupamentos impactam diretamente suas vidas. Rebeca apresenta uma relação de causa e efeito ao explicitar que *se tivesse tido contato com coletivos/as em sua adolescência, então seu entendimento como sujeita no mundo aconteceria mais cedo (eu, com certeza, seria uma potência muito mais rápido)*, entendimento este que, segundo ela, ocorreu apenas quando chegou à *universidade*. A Figura 4 ilustra integrantes do Coletivo Perifala posando para fotografia com livro da intelectual afro-americana Ângela Davis em ação na Escola Municipal Raimundo Nonato Monteiro Santana, na região da Vila Irmã Dulce.

Figura 4 – Integrantes do Coletivo Perifala com livro de Ângela Davis em escola pública



Fonte: Arquivo do grupo Perifala.

Em sua narrativa, Rebeca enfatiza que o papel dos/as coletivos/as gira em torno da promoção de ações conscientizadoras, que estimulam o pensamento crítico das pessoas sobre a realidade (*poder levar esse conhecimento, poder conscientizar, poder despertar o senso crítico na pessoa, isso é a contribuição de todo o coletivo*). Entre tais ações, Rebeca cita o exemplo do Projeto Perifala nas Escolas, que, segundo ela, *tem um peso gigante, uma contribuição social enorme* para estudantes de escolas públicas, principalmente nas periferias. Isso representa a prática da ação coletiva organizando-se para adentrar espaços institucionais e falar sobre o *que* eles não falam e também sobre *quem* eles não falam, como o grupo de *rap* brasileiro Racionais e a intelectual negra Ângela Davis. A partir da existência dos/as coletivos/as e de suas ações, Rebeca explicita que *se você conseguir atingir uma pessoa e fazer com que aquela pessoa pense sobre o propósito do coletivo, pra mim ali já contribuiu*.

A propósito da educação brasileira, assim como nos demais espaços periféricos do sistema-mundo, Aza Njeri (2022) critica a

transferência e reprodução histórica do conhecimento ocidental como modelo escolar dominante, desconsiderando outras formas de ser e estar no mundo. Essa educação é pautada na dominação e na competição como princípios de sociabilidade, revelando uma construção unilateral e limitadora da diversidade do existir (NJERI, 2022). Nesse sentido, os saberes locais e os saberes daqueles grupos que não “se enquadram” no padrão branco e cis-heteronormativo são invisibilizados, marginalizados, excluídos dos espaços de compartilhamento de saberes:

É o que acontece aos educandos negros e indígenas pelo apagamento epistemológico, pela imposição de saberes hegemônicos da experiência caucasiana ocidental como uma forma de compreender o mundo e pelas violências raciais de diferentes ordens (NJERI, 2022, p. 51).

As falas de Rebeca deixam evidente o papel de “conscientização” incorporado pelo coletivo, ao atuar em diálogo com grupos sociais diversos. No âmbito de uma pedagogia da libertação, Paulo Freire ressalta que toda ação educativa deve ser precedida, necessariamente, da reflexão sobre os seres humanos e seu contexto social, isto é, de uma conscientização que os auxilie a tornarem-se sujeitos/as críticos, reflexivos e comprometidos com a ação. A conscientização implica o processo de superação da consciência ingênua por meio do desenvolvimento da consciência crítica dos seres, na medida em que, situados no tempo e no espaço e, portanto, inseridos em determinado contexto social, assumam o papel de sujeitos/sujeitas de suas realidades, em uma relação constante com o mundo. Para o autor, esse processo é contínuo e constante: quanto mais reflexões sobre a realidade, os seres tornam-se não apenas mais conscientes, mas também mais comprometidos com a realidade que almejam mudar (FREIRE, 1979).

No bojo dessa atuação conscientizadora, além da utilização de obras bibliográficas, o Perifala também faz uso de outros instrumentos para o diálogo com seus públicos, como a utilização das redes sociais, de obras audiovisuais e de letras de músicas de *rappers* brasileiros:

[...] os nossos principais instrumentos, eu acho que o principal de todos que a gente utiliza, **com certeza**, é as **redes sociais**... a gente tem um **alcance bem maior** nas redes sociais. E além das redes sociais, em todas as reuniões que a gente faz a gente utiliza **textos**, fazemos também uso de **documentários**, já passamos **clipe de música de rap** no Projeto Perifala nas Escolas [...]. A gente trabalha muito a questão do rap nas escolas, o que significa o rap pra quem mora na periferia e como **o rap é político**... [...]. A gente também faz análise de alguns **vídeos**, né. E também de determinado caso que aconteça. Por exemplo, a gente pega um texto e aí a partir desse texto a gente vai analisar determinado caso que de alguma maneira irá nos atingir ou nos atinge [...]. Eu acho que a importância da gente utilizar essas várias ferramentas, tanto redes sociais, quanto textos, vídeos, documentários, etc. é, eu acho importante porque isso, além de causar **uma dinâmica maior no grupo**, né, é **uma maneira diferente de abordar os temas** que a gente se propõe a debater. E usando essas várias metodologias a gente também consegue **alcançar mais pessoas** porque **não é todo mundo que gosta** de pegar um texto e ler, mas pode ser que pessoa goste de assistir um vídeo, um clipe ou um documentário. Ou a pessoa não gosta de ler um texto, assim, em papel, mas gosta de ler um texto que esteja escrito lá na rede social. Então com essas metodologias a gente tenta alcançar mais pessoas, né. Eu acho que a principal importância é essa. Além de dialogar também com várias idades, né? A gente consegue ter essa dinâmica (Rebeca – Integrante do Perifala, grifo nosso).

Os *textos* são um dos principais instrumentos utilizados pelo Perifala, ao utilizarem obras de autores/as selecionados/as pelo Coletivo para debates tanto nas reuniões da Praça do Esplanada quanto no Projeto Perifala nas Escolas. Nas ações em escolas, em paralelo à utilização de obras bibliográficas, o Coletivo também utiliza *documentários*, *vídeos* ou *clipe de músicas de rap* para abordar

temáticas sobre raça, classe e gênero. Segundo Rebeca, o uso combinado dessas *ferramentas* confere *uma dinâmica maior no grupo*. Utilizar diferentes instrumentos pedagógicos – *metodologias*, como refere Rebeca – possibilita *alcançar mais pessoas* e avançar em direção a uma perspectiva democrática de educação, levando em consideração que os/as sujeitos/as possuem diferentes modos de aprendizagem.

Considerando tais diferenças, o Coletivo propõe *uma maneira diferente de abordar os temas*. Nesta seleção lexical estabelece-se um recurso interdiscursivo que contrapõe a educação flexível e dinâmica (baseada na dialogicidade) à educação bancária (rígida tradicional, baseada na transferência de conhecimento). Desse modo, na seleção lexical *"não é todo mundo que gosta"* evidencia-se a atenção do Coletivo ao elemento subjetivo da recepção da ação, ao considerar a aceitação (ou não) do alunado aos instrumentos utilizados em sala de aula como um fator que influencia na qualidade da aprendizagem.

No leque de opções de interlocução com seu público, Rebeca destaca as *redes sociais* como um dos principais instrumentos que o Perifala faz uso, sobretudo em função do *alcance* dessas postagens no âmbito virtual. Compreendendo que vivenciamos um período histórico em que o cotidiano passou a ser compartilhado rotineiramente em plataformas digitais, Costa (2018) chama atenção para o fato de que as mídias sociais digitais passaram de meros meios interativos de pessoas e publicidade para canais que viabilizam estudos científicos, sendo possível realizar a extração de informações relevantes, inclusive a partir da observação de comportamentos sociais. A internet, as mídias e redes sociais digitais emergiram, assim, como importantes instrumentos de organização, mobilização e comunicação para posteriores ocupações do espaço público, sobretudo, urbano (GOHN, 2011).

A propósito, a utilização de mídias sociais digitais é uma característica marcante da atuação de coletivos e coletivas teresinenses (COIMBRA; MORAIS, 2020) e, de forma mais ampla, no Brasil e demais países da América Latina. Na Figura 5 vemos uma postagem do Coletivo em sua página no Instagram em que seu conteúdo evidencia o propósito de enfrentamento às opressões e

desigualdades sociais do Perifala, além de destacar o papel de conscientização incorporado pelo coletivo.

Figura 5 – Postagem de divulgação de encontro do Coletivo Perifala (2019)



Fonte: DISCUSSÃO..., 2019.

Na Figura 5, em sua parte superior, a divulgação de um dos encontros dominicais realizados pelo Coletivo Perifala na Praça do Esplanada, região sul da cidade de Teresina, cujo objetivo é a discussão do texto “A máscara”, primeiro capítulo do livro *Memórias da Plantação*, da intelectual portuguesa Grada Kilomba. Na parte de baixo da figura, está a representação de Anastácia, mulher escravizada no Brasil que Kilomba aborda no capítulo. A máscara à qual ela se refere é a máscara retratada na imagem de Anastácia, um instrumento de tortura utilizado oficialmente pelos senhores brancos para evitar que os/as escravizados/as comessem da cana-de-açúcar e do cacau nas plantações. Mais ainda, a clausura da boca também expôs, de forma explícita e simbólica, o silenciamento e a censura dos/as escravizados/as. Isto é, a máscara representa o próprio colonialismo como silenciador de vozes do/a Outro/a (KILOMBA, 2019).

Enquanto atuação conscientizadora, destaco o pensamento de Paulo Freire, ao afirmar que a conscientização não existe sem práxis, enquanto ato ação-reflexão no e com o mundo, tampouco sem o compromisso histórico de assumir uma posição utópica. A conscientização des-vela e des-mistifica a realidade que foi construída e codificada pela estrutura dominante e, nesse sentido, não ocorre sem a denúncia de estruturas injustas. Estabelece-se a “pedagogia utópica da denúncia e do anúncio”, um projeto viável por meio da ação dialética de denunciar a estrutura opressora e anunciar a estrutura libertadora (FREIRE, 1979, p. 45).

Nesse sentido, a atuação dialógica e conscientizadora por meio da ocupação de espaços físicos e virtuais coloca o Coletivo Perifala como um grupo social que atua na Educação Popular, enquanto criação feita *com* o povo e não *para* o povo, colocando as pessoas como sujeitas de sua própria educação, criando e transformando o mundo em coletividade (FREIRE, 2018). Ainda, sob a perspectiva epistemológica, ontológica, política e teórica da decolonialidade e do giro decolonial, ao transcender os pilares da normatividade colonial-moderna, a ação do Perifala se traduz no que Catherine Walsh chama de pedagogia decolonial, um conjunto de estratégias, práticas e metodologias que invocam novas formas de ser e estar no mundo (WALSH, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Coletivo Perifala fala a partir de Teresina, cidade situada na periferia político-econômica do Brasil. Mais especificamente, fala a partir do conjunto de vivências sócio-históricas de jovens negros e negras moradores de bairros periféricos da cidade. As dissonâncias entre periferia e centro na cidade de Teresina e o comprometimento com a mudança de padrões sociais hegemônicos constituem significativos fatores que impulsionam a ação do coletivo em direção ao pleno reconhecimento das existências, demandas e direitos daqueles que foram estabelecidos como *Outros* (DUSSEL, 1997, 2016; KILOMBA, 2019). O lócus de enunciação (ação) do Perifala, portanto, mais que na periferia geográfica, situa-se na periferia da estrutura hegemônica da sociedade.

O Perifala realiza um significativo trabalho de Educação Popular ao criar espaços de questionamento da realidade, de aprendizagem própria e de fortalecimento político. Sua práxis destaca a centralidade da periferia como lugar de produção de conhecimento, subvertendo a ordem do discurso da sociedade colonial-moderna. Isto é, subverte o histórico silenciamento de sujeitos subalternizados ao enunciar-se enquanto sujeito que fala e que (re)existe, dismantando a prática discursiva hegemônica construída pela branquitude ocidental. Finalizo com as palavras de Paulo Freire sobre o exercício de construção de uma consciência crítica cujo sujeito é parte fundamental do processo: “o povo [...] imerso era apenas espectador do processo; *emergindo*, descruza os braços, renuncia a ser simples espectador e exige participação. Já não se satisfaz em assistir; quer participar; quer decidir” (FREIRE, 2018, p. 90, grifo no original).

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

ARAÚJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; ROSSATO, Maristela. O sujeito na pesquisa qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 33, p. 1-7, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/chGpCqDwPprVkbyDXKXqWGj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPCÃO, Raiane. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Segregação socioespacial e o “direito à cidade”. **GEOSP**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 412-424, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/177180/166548>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

COIMBRA, Kary Emanuelle Reis; MORAIS, Maria Dione Carvalho de. Coletivismo juvenil em Teresina: desenhando um panorama a partir das mídias sociais *Instagram* e *Facebook*. **Simbiótica**, Vitória, v. 7, n. 3, p. 161-195, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/33699>. Acesso em: 15 jan. 2022.

COIMBRA, Kary Emanuelle Reis. **Pedagogias decoloniais em ações culturais de coletivos e coletivas juvenis de Teresina**. 2022. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11691877. Acesso em: 22 fev. 2023.

CONNEL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 80, out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ZZZqDf3h5FwNbfCMQ66jPqF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2022.

COSTA, Bárbara Regina Lopes. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 15-37, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CUNHA, Marcelo Perini Peralta. **O pixo como ato político**. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura – Projeto e Cidade) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

DISCUSSÃO do texto: “A máscara” de Grada Kilomba, 2019. Teresina, 18 nov. 2019. Instagram: @perifala_. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B5AtvQsFRoH/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

DUSSEL, Enrique. **1492**: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: conferências de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. Trad. Sandra Tarbaucco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020**, São Paulo, ano 14, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anoario-14/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 39. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, maio/ago. 2011.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSFOGUEL, Ramón; ONESKO, Gabriel. A complexa relação entre modernidade e capitalismo: uma visão descolonial. **Revista X**, Curitiba, v. 16, n. 1, p. 6-23, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78186>. Acesso em: 22 abr. 2021.

HORI, Paula. Os coletivos urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações. *In*: ECONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANJAMENTO URBANO E REGIONAL, 27., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ENANPUR, 2017.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência 2020**. Brasília: IPEA, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 22 abr. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LARRUSCAHIM, Paula Gil; SCHWEIZER, Paul. A criminalização da pixação como cultura popular na metrópole brasileira na virada para o século XXI. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, Vitória, v. 15, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/650/200>. Acesso em: 22 abr. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 3. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MIGNOLO, Walter. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (coord.). **Teorías sin disciplina**: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Gedisa: Barcelona, 2007.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del Signo, 2010a.

MIGNOLO, Walter. Aiesthesis decolonial. **Calle 14 Revista de Investigación en el campo del arte**, Bogotá, v. 4, n. 4, p. 10-25, jan./jun. 2010b.

MONASTERIOS, Sylvia. **Arte ou ocupação?** O grafitti na paisagem urbana de São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio negro brasileiro**: processo de racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NJERI, Aza. O Sol da nossa humanidade e a educação pluriversal. *In*: FRANÇA, Rodrigo; RAYMUNDO, Jonathan. **Pretagonismos**. Rio de Janeiro: Agir, 2022.

NOVO PERFIL | Perifala. Teresina, 15 set. 2019. Instagram: @perifala_. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2bvduWFeGz/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PASTI, Renato; OLIVEIRA JR., Gilson Brandão. Qual quilombo? O pensamento pós-colonial e decolonial na reelaboração simbólica dos quilombos. **Revista de História da UEG**, Porangatu, v. 8, n. 1, e811908, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/8533/6690>. Acesso em: 22 abr. 2021.

PEREZ, Olivia Cristina; SILVA FILHO, Alberto Luís. Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil. **Latitude**, Maceió, v. 11, n. 1, p. 255-294, 2017. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2812/pdf_1. Acesso em: 22 abr. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, ed. 79, v. 3, p. 71-94, nov. 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, José Manuel. Prefácio. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENDES, José Manuel (org.).

Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. (Epistemologias do Sul)

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA, Ângela Oliveira; FAÇANHA, Antônio Cardoso. Ocupações urbanas em Teresina no contexto da luta por moradia: o caso da Vila Irmã Dulce. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 19, n. 1, p. 22-42, jul. 2017. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/282/303>. Acesso em: 22 abr. 2021.

WALSH, Catherine. Introducción: lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. *In*: WALSH, Catherine (org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Ecuador: Abya-Yala 2017. t. 1. (Pensamiento Decolonial.)

Recebido em: *Maio/ 2023*.

Aprovado em: *Agosto/ 2023*.